

que, metodicamente, na primeira hora depois do expediente, descia com os seus embrulhinhos e ia ao bar tomar sua talagada. Ele, seguro e medido, se recolhia cedo, escapava. Às vezes, seguia de trem com Lima; nunca, no entanto, saía da medida: era um chefe de família. Intelectuais eram raros ali. Lima conhecia vários malandros e capoeiras da época, mas não parecia gente de sua intimidade. Era ali, no bar lateral da Estação Dom Pedro II que o escritor completava a sua bebericagem.

Dizem agora mulato genial e beberrão. Não concordo com o beberrão. Lima jamais tomou um porre. Nunca perdia a linha, o equilíbrio, não chamava ninguém para ir lá fora, discutir. Jamais gritava, nem nunca o ouvi dizer um palavrão ou um desaforo. Bebia tristemente, tanto que o seu estado era sorumbático, ficava recolhido, olhando vagamente, respondendo quando se lhe perguntavam e, lá uma vez ou outra, dava um aparte. Mas tudo sério, limpo e sensato. E dito o que tinha a dizer entrava na situação sorumbática. Não era brilhante, mas muito sensato. E, em estado normal, se fosse a uma tribuna, seria brilhante. Mas brilhante assim com brilho e com humor. Não era espirituoso, não perdoava os trocadilhistas e, no entanto, era amigo dos profissionais do trocadilho — Calixto, Raul Pederneiras, Luiz Peixoto e os caricaturistas em geral. Era um bem-humorado, no fundo. Sua doutrina sobre o trocadilho, quando alguém lhe dizia um:

— O indivíduo que o comete é um espírito sem fundo, que fica num simples jogo de palavras sem substância.

“O Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual. Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o Senhor Neto transformou toda arte de escrever em pura *chinoiserie* de estilo e fraseado. Ninguém lhe peça um pensamento, um julgamento sobre a nossa vida urbana ou rural; ninguém lhe peça um entendimento mais perfeito de quaisquer dos tipos da nossa população: isso ele não sabe dar. Coelho Neto fossilizou-se na bodega do que ele chama estilo, música do período, imagens peregrinas e outras

coisas que são o cortejo da arte de escrever, que são os meios de comunicação, de sedução, mas não são fim próprio da literatura.”

“... como todo romancista que se preza, eu tenho amor e ódio pelos meus personagens.”

“... Rui Barbosa. Voz imperceptível, citações, citações... Temas arcaicos e aforismas. João das Regras.”

(Correspondência)

“O que o autor das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* não sabe é alinhar palavras vazias de sentido e que só encantem pela sonoridade da expressão. Prezando como preza, a matéria-prima da sua arte, a palavra, jamais consentiria que um vocábulo soasse oco, para deleite do ouvido e que não revestisse uma noção. Nas duzentas páginas do seu livro, haveria matéria para volumes, se quisesse diluir as suas concepções em períodos inanes que não tardariam a ser esquecidos, em vez de condensar em frases maciças que nunca mais se olvidarão.

A verdade é que, nos tempos que correm, já se não compreende que alguém pegue em uma pena, se não tiver alguma coisa que dizer; por isso as suas obras hão de ser sempre bem cotadas. É que não nos contentamos mais com palavras, queremos idéias; e as suas novelas obrigam a pensar.”

(Silva Ramos, in *Correspondência*)

Falando, não demonstrava nenhuma implicância contra o bairro burguês de Botafogo ou qual fosse o bairro. Mesmo porque tais bairros estavam longe do terreno de suas ligações. Vivia na Zona Norte e ia todos os dias para casa, embora chegasse de madrugada. Nunca chegava antes das duas ou três da madrugada e, às vezes, ao raiar do dia. Acordava-se ali por volta dos compromissos que tinha. Às vezes, foi visto antes do almoço, antes do meio-dia, na cidade. Da casa ao centro, a sua condução era o bonde Inhaúma-Todos os San-